



Meio Milénio de Luís de Camões, 2026

III Congresso - Goa/Damão
Caderno de resumos

III Congresso Camões

Goa e Damão,

**12 a 16 de março
de 2026**

Caderno de
resumos

Edição: RCnA&A
Publicação: dezembro de 2025
<http://luisdecamões.pt>

Índice

Índice	4
A Rede Camões na Ásia & África	5
Alocações oficiais	7
Comunicações em Goa	11
Comunicações em Damão	22
Comunicações via ZOOM	36

A Rede Camões na Ásia & África

A Rede Camões na Ásia & África (RCnA&A) é um espaço de confluência entre os tradutores orientais de Camões e os camonistas académicos ativos na Ásia e em África, sejam eles oriundos ou não destes dois continentes, estando igualmente aberta a asiáticos e africanos residentes em qualquer parte do mundo.

A Rede foi fundada em 2021 e logo no ano seguinte, em 2022, organizou na Indonésia, com participação global, o **Congresso Internacional dos 450 anos de ‘Os Lusíadas’**, simbolicamente convocado com patrocínio régio para Ternate – a ilha cantada no Poema que Camões ali terá iniciado entre 1556 e 1558 – e que decorreu no dia 12 de março, data da publicação da epopeia em 1572. Para a realização deste Congresso foi estabelecida uma parceria com a Universitas Indonesia (Jakarta) e a Universitas Khairun (Ternate).

Em 2024 a Rede organizou nos dias 24 e 25 de fevereiro a **primeira celebração mundial do Meio Milénio de Camões**, desta feita em Macau, lugar onde o Poeta prosseguiu a composição de *Os Lusíadas*. A escolha da data para esta iniciativa científica, que inaugurou todas as comemorações a nível mundial da efeméride das cinco centúrias do nascimento do Poeta, teve igualmente motivação biográfica: a sessão virtual decorreu a 25 de fevereiro, o dia mais credível como sendo **o do nascimento de Camões**, de acordo com o espírito e a letra

do soneto ‘O dia em que eu nasci moura e pereça’. Foram parceiros o Consulado-Geral de Moçambique em Macau, a Fundação Rui Cunha (Macau), e a Fundação Oriente (Macau e Lisboa), além de numerosos patrocinadores. Como existem três datas especialmente adequadas para evocar Camões, 25 de fevereiro como data possível do nascimento, 12 de março, que é a data do acabamento da impressão da primeira edição de *Os Lusíadas* em Lisboa, e ainda 10 de junho, dia do passamento do Vate (em 1579 ou 1580), cabia à RCnA&A celebrar também este último dia. Realizou-se assim em 2025 o **II Congresso Internacional do Meio Milénio de Camões** na Ilha de Moçambique, local onde o Poeta residiu por dois anos, entre 1567 e 1569, tendo aí preparado a versão pré-final de *Os Lusíadas*. Para este congresso foram criadas parcerias com a Universidade Politécnica de Moçambique (Maputo), e a Universidade Eduardo Mondlane (Ilha de Moçambique). O congresso contou com o selo de qualidade atribuído pela Comissão Oficial Portuguesa para as Comemorações do Nascimento de Luís de Camões.

Por fim, no ano de 2026, a Rede voltará a celebrar o dia 12 de março, agora em Goa, a lendária capital da Índia Portuguesa, e o local da mais prolongada estância do Poeta na Ásia, convocando para essa celebração o **III Congresso Internacional do Meio Milénio de Camões**. Desta feita a RCnA&A colaborará com a Universidade de Goa e com a Comunidade Indo-Portuguesa de Macau.

Felipe de Saavedra

Alocações oficiais

- José Augusto Cardoso Bernardes

500 anos de Camões: sentidos de uma comemoração



Abertura do Congresso pelo Presidente da Comissão Nacional Portuguesa para as Celebrações dos 500 anos do nascimento de Luís de Camões.

José Augusto Cardoso Bernardes é um destacado académico português, Professor Catedrático da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra e especialista em Literatura Portuguesa do século XVI.

Doutorou-se na Universidade de Coimbra em 1995 com uma tese sobre o teatro vicentino. Lecionou na mesma universidade, com foco na literatura do Humanismo e do Renascimento e na didática da literatura, onde também foi Diretor da Biblioteca Geral.

Tem desempenhado várias funções relevantes, e atualmente é o Presidente da Comissão Nacional para as Comemorações do V Centenário do Nascimento de Luís de Camões em Portugal.

A sua investigação abrange a história literária e o ensino da literatura.

É autor de diversas obras, como a premiada *A Oficina de Gil Vicente* (2023), *A Oficina de Camões* (2022) e *Compêndio de Gil Vicente* (2018).

- Felipe de Saavedra

Camões e a Índia Portuguesa, as boas memórias

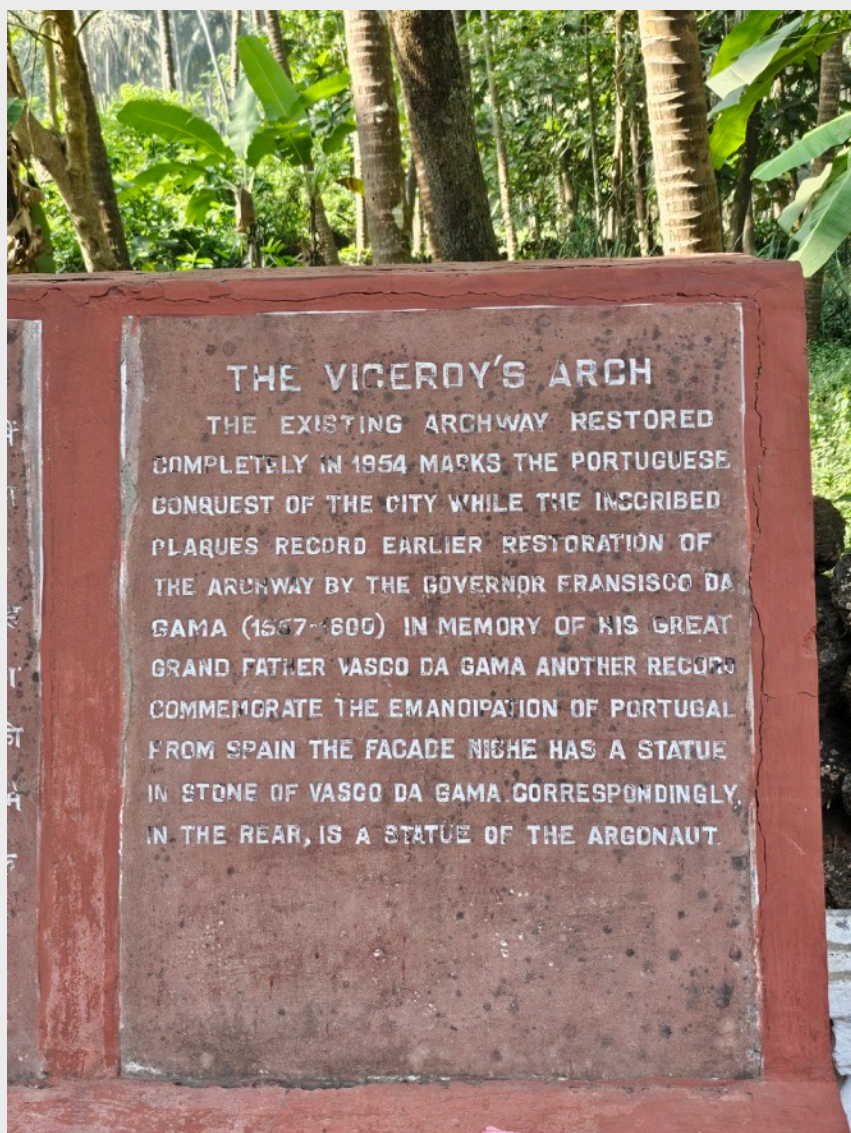


Encerramento do Congresso pelo Coordenador da Rede Camões na Ásia & África.

Felipe de Saavedra é um acadêmico e investigador português, reconhecido pelo seu trabalho no domínio da Camonística e pela sua ligação passada e presente ao ensino da literatura e da cultura portuguesas em cinco continentes. Com um percurso multidisciplinar com três doutoramentos, em História (Espanha), em Educação (Nova Zelândia) e em Estudos Portugueses (Portugal), é atualmente Professor de Estudos Portugueses em Macau. As suas áreas de investigação incluem a Ásia Portuguesa, a literatura clássica, a espiritualidade renascentista, e sobretudo os Estudos Camonianos, onde é um dos especialistas contemporâneos mais ativos na revisão da biografia e da obra de Camões.

Coordena a **Rede Camões na Ásia & África** (RCnA&A) que organizou quatro congressos camonianos, suscitando mais de 70 comunicações internacionais, **muitas delas já publicadas**.

É autor de diversas obras, entre as quais o influente *Epistolário Magno de Luís de Camões* (2022), e a edição trilingue original/paráfrase/chinês das odes de Camões, a *Aquileida* (2024), em colaboração com Zhang Weimin.



1 - Goa

Comunicações em Goa

- Aren Noronha

Camões na Goa contemporânea: ecos na escrita e na literatura



Esta comunicação examina a forma como Luís Vaz de Camões continua a viver em Goa através da escrita, da tradução, da investigação académica e da resposta criativa. Embora celebrado em Portugal como poeta nacional, em Goa o seu legado assumiu formas diversas, por vezes de contestação. O livro de Landeg White intitulado *Camões: Made in Goa* trouxe uma nova atenção para os poemas ligados ao período de Camões na Índia, suscitando debates sobre a obra e as suas ligações locais.

A tradução para o concaninim de *Os Lusíadas* feita pelo Dr. Olivinho Gomes, intitulada *Luzitayonn*, constituiu um marco cultural significativo na região, relocalizando o épico para a língua goesa e tornando-o acessível a novos leitores, ao mesmo tempo que o re-situa através de uma perspetiva local. Mais recentemente, Ave Cleto Afonso escreveu uma resposta a Camões intitulada *O vaticínio do Swârga (o que os Lusíadas não cantam)*, uma obra que questiona o enquadramento imperial de *Os Lusíadas*, enquanto incorpora perspetivas locais.

Juntamente com ensaios, recensões e comemorações, estas obras demonstram como Camões sobrevive em Goa menos como um cânone estável e mais como um conjunto de traduções, recuperações e reinterpretações que moldam continuamente a sua presença na palavra escrita.

Resumo curricular

Aren Noronha é estudante de Mestrado em Português e Estudos Lusófonos na Universidade de Goa, com interesses em pesquisar Goa e as suas várias conexões culturais ao longo da história.

- Dhruvan Nair

Encontros épicos: os ecos do ‘Mahabharata’ em ‘Os Lusíadas’



É conhecido que Camões tinha em mente o modelo do Virgílio, da *Eneida*, como a melhor fonte de inspiração da tradição épica greco-latina na sua composição de *Os Lusíadas*. Todavia, ao contrário dos greco-latinos, Camões cruzou os limites do mundo conhecido na forma de Europa, e chegou à Índia na sua vida e na sua epopeia. O seu tempo em Goa, que no fim do século XVI existia como um ponto de encontro entre as várias culturas orientais e o Ocidente, levanta a questão sobre os outros possíveis pontos de contacto ou confluências orientais que são refletidos nesta epopeia.

Já existem leituras de *Os Lusíadas* que sublinham perspetivas orientais na leitura da epopeia e nas traduções, mas subsiste a questão do ponto de encontro, diretamente ou indiretamente, de *Os Lusíadas* com uma épica oriental, especificamente o *Mahabharata*. Esta investigação analisa a presença das confluências intertextuais entre *Os Lusíadas* e o *Mahabharata*. Aliás, o ponto de contacto vai ser enquadrado e analisado no contexto da apresentação da história da terra e dos povos, e a qualidade didática na representação da genealogia dos reinos em ambos os épicos.

Resumo curricular

Dhruvan Nair é estudante de segundo ano de Mestrado em Português na Universidade de Goa. As áreas de pesquisa dele são os estudos comparativos, os estudos da mitologia e a literatura de viagens.

Dhruvan tem uma formação em estudos literários de licenciatura pela Universidade Ashoka, onde treinou também por dois anos para professor no Departamento de Inglês.

- Irene Silveira Almeida

Entre a epopeia e a tragédia: Pedro e Inês em Camões e Montherlant



Esta comunicação propõe uma análise comparativa entre a célebre narrativa de Pedro e Inês de Castro em *Os Lusíadas* de Luís de Camões (Canto III) e a sua reelaboração dramática em *La Reine Morte* (1942) de Henry de Montherlant.

Em Camões, o episódio surge como digressão lírica no épico nacional, sublinhando a inocência de Inês e a violência da razão de Estado que destrói o amor. Henry de Montherlant, em plena França ocupada, retoma o mito em chave de tragédia clássica, deslocando o foco da figura feminina para o confronto entre Pedro e o rei.

A comparação revela tanto as diferenças estéticas quanto a função histórica do mito em cada contexto, evidenciando a sua flexibilidade e permanência.

Resumo curricular

Irene Silveira Almeida é Professora Auxiliar na Universidade de Goa (Índia), onde leciona disciplinas de literatura e história francesa e francófona e orienta teses de doutoramento. A sua pesquisa adota uma abordagem interdisciplinar, articulando literatura, história, cultura e sociolinguística, com particular interesse nas dinâmicas diaspóricas, na Francofonia e na Lusofonia.

É colaboradora nos grupos de investigação Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa da Universidade do Porto e Rede Camões na Ásia & África.

Desenvolvedora de programas em estudos franceses e francófonos, está ativamente engajada na inovação pedagógica por meio de estratégias de aprendizagem ativa e no desenvolvimento de recursos educacionais abertos, nomeadamente no âmbito do programa Open Education for a Better World, focado nos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável da ONU.

Dirigiu a edição de *Songs in the Sun*, uma recriação artística e poética multilíngue envolvendo seis idiomas, dialogando texto e imagem.

Em 2024 recebeu o prestigiado grau de Chevalier dans l'Ordre des Palmes Académiques, em reconhecimento dos seus notáveis contributos para a educação e cultura francesas.

- Loraine Ethel Barreto Alberto

Reimaginando a profecia: Goa, Camões e ‘O vaticínio do swârga’, de Ave Cleto Afonso



Esta comunicação examina o poema *O vaticínio do Swârga* de Ave Cleto Afonso no contexto dos 500 anos de Camões, analisando como o poeta de Goa se envolveu com o legado camoniano, ao mesmo tempo que o reconfigurou através das sensibilidades culturais e espirituais locais.

Escrito em português, mas profundamente enraizado na experiência de Goa, o texto de Afonso utiliza o tropo da profecia para negociar questões de fé, pertença e memória histórica.

Ao justapor a visão imperial de Camões com a reformulação híbrida de Afonso, esta comunicação destaca as formas como a literatura de Goa reimagina as tradições lusófonas, afirmando-as e subvertendo-as simultaneamente.

O estudo argumenta como o poema de Afonso exemplifica a vitalidade duradoura das vozes de Goa no mundo lusófono mais amplo, onde a profecia se torna um modo de crítica e renovação cultural, conforme revelado pelas perspectivas do próprio poeta.

Resumo curricular

Lorraine Ethel Barreto Alberto é Professora Auxiliar de Estudos Portugueses e Lusófonos na Universidade de Goa. É especialista em linguística, literatura e cultura indo-portuguesas, com foco na documentação do português falado e escrito em Goa, na imprensa goesa, e nas tradições culturais da região.

É autora de vários artigos sobre a pervivência da memória de Camões na cultura goesa, e tem participado nos congressos camonianos do Meio Milénio.

É membro da Rede Camões na Ásia & África.

- Saloni Jha

Heroísmo, honra e império nos épicos ibéricos



Esta comunicação apresenta uma análise comparativa de dois épicos centrais da tradição ibérica, o *Cantar de Mio Cid* e *Os Lusíadas* de Luís de Camões, centrando-se nos valores do heroísmo e da honra em diferentes contextos históricos, religiosos e imperiais. Apesar de estarem separados por quase quatro séculos, ambas as obras constroem figuras heroicas cujas ações são moldadas pelo serviço, dever, fé e poder.

No *Cantar de Mio Cid*, Rodrigo Díaz de Vivar representa um modelo medieval de heroísmo baseado na lealdade feudal, na honra pessoal e no serviço militar ao rei e à Cristandade. O seu exílio e a posterior recuperação da honra revelam uma sociedade marcada pela luta territorial, pelo conflito religioso e pela dinâmica da Reconquista, onde a honra está fortemente ligada à obediência, à reputação familiar e à vitória em batalha. O poema reflete um mundo em que a identidade se constrói em oposição ao *Outro* religioso e racial, sobretudo no contexto cristão-muçulmano.

Em contraste, *Os Lusíadas* apresenta Vasco da Gama como um herói renascentista cuja missão já não se limita à terra ou ao reino, mas se estende à expansão marítima e à construção do império. Camões enquadra a viagem como um projeto nacional e providencial, combinando a mitologia clássica com a ideologia cristã. É dada especial atenção à representação dos encontros com povos

não-europeus, incluindo referências a reinos hindus e às tentativas de estabelecer com eles alianças contra o poder islâmico.

Estes episódios revelam atitudes coloniais iniciais e relações de poder complexas entre os europeus e as culturas recém-contactadas. Ao colocar estes dois épicos lado a lado, o estudo mostra a transformação do heroísmo ibérico: do guerreiro feudal ao navegador imperial, da defesa territorial à expansão ultramarina.

A investigação analisa ainda como a honra, a religião, a diferença racial e o mito contribuem para a construção da identidade heróica, mostrando como a poesia épica reflete as mudanças de valores e as ambições da sociedade ibérica desde o período medieval até ao início da modernidade.

Resumo curricular

Saloni Jha é mestre em Português pela Universidade de Goa e mestre em Espanhol pela Jawaharlal Nehru University de Nova Deli, sendo licenciada em Espanhol pela Universidade de Deli. A sua formação académica insere-se nos estudos linguísticos e literários, com foco nos estudos comparativos, nos contactos culturais e na análise crítica de textos em contextos ibéricos e sul-asiáticos. Tem participado em seminários académicos, publicado estudos em revistas especializadas, e desenvolveu atividade profissional na área da análise linguística e de conteúdos multilíngues em contextos internacionais. O seu trabalho caracteriza-se pela articulação entre rigor académico, competência linguística em português e espanhol e uma forte sensibilidade intercultural.

2 - Damão

Comunicações em Damão



- Abudo Machude

Influência de Camões na lírica de Rui de Noronha



Luís de Camões (1524-1580) e Rui de Noronha (1909-1943) são dois importantes poetas de língua portuguesa separados no tempo e no espaço, mas próximos um do outro pelo diálogo permanente dos seus textos.

A presente proposta de trabalho tem como objectivo principal demonstrar a influência da poesia lírica de Camões sobre a poesia lírica de Rui de Noronha, poeta moçambicano do século XX.

Assim, em termos metodológicos, partindo de uma análise baseada na intertextualidade, serão tomados, a título exemplificativo, os poemas ‘Alma minha gentil que te partiste’ (Camões, *Rhythmas*, 1595, Soneto XIII) e ‘Por Amar-te Tanto’ (Rui de Noronha, *Sonetos...*).

Os resultados deste estudo mostram uma forte influência de Camões na poesia lírica de Rui de Noronha no concernente à forma (soneto) e ao conteúdo (a predominância da temática do amor platónico).

Resumo curricular

Abudo Machude é um professor e académico moçambicano, que leciona na Universidade Eduardo Mondlane, em Maputo.

Atua na área de educação e formação, com presença assídua em eventos culturais e literários.

Colabora em estudos e publicações científicas, com foco em educação, literatura moçambicana e teorias da recepção literária.

- Danny Susanto

A Indonésia em 'Os Lusíadas': Malaca, Molucas e Banda na poética do império camoniano



Esta comunicação propõe investigar a presença da Indonésia em *Os Lusíadas* (1572), de Luís Vaz de Camões, com especial atenção a Malaca, às Molucas e às ilhas Banda (Canto X, estrofes 128-131).

Como a crítica tem privilegiado a presença da Índia e da África no poema épico, o Sudeste Asiático permanece pouco explorado. Pretende-se analisar como Camões transforma estas regiões em símbolos de riqueza e de destino imperial, articulando elementos geográficos e mercantis com uma visão providencialista.

O estudo confrontará o poema com crónicas portuguesas do século XVI e recorrerá a contributos do pós-colonialismo, do novo historicismo e da ecocrítica.

O objetivo é compreender o papel simbólico da Indonésia na construção do imaginário épico e imperial camoniano.

Resumo curricular

Danny Susanto foi professor de Língua Portuguesa na Universitas Indonesia.

Especializou-se em Língua Portuguesa e Estudos Culturais, com formação na Universidade de Lisboa.

Tradutor e pesquisador, é conhecido como entusiasta da poesia, publicando obras e traduzindo clássicos como *Os Lusíadas* de Camões (2022), bem como antologias de poesia, procurando inspirar os jovens para a criação literária.

Usa as plataformas online para divulgação de textos poéticos, que considera um meio de autoexpressão e de conexão (inter)cultural. Tem sido uma figura chave na promoção da língua e da cultura portuguesas na Indonésia, construindo pontes entre as duas culturas e povos através da literatura e da poesia.

É membro da Rede Camões na Ásia & África.

- Kenneth David Jackson

Desta barra fora: canções de comunidades indo-portuguesas



No porto de Damão, ainda hoje se pode ouvir um crioulo português semelhante ao crioulo nordestino descrito há mais de cem anos nos estudos linguísticos pioneiros de Hugo Schuchardt e Sebastião Dalgado, falado por vários milhares de pessoas, como comprova a análise linguística de Clements (1996) e Hugo Cardoso (2010).

Os crioulos indo-portugueses ainda seriam um sincretismo das suas fontes intercontinentais, no qual as contribuições europeias temáticas e léxicas se traduzem semioticamente num discurso euroasiático.

As canções publicadas por António Francisco Moniz Júnior em *Notícias e documentos para a história de Damão* (1900-1904) fazem parte do acervo de canções crioulas levantado por viajantes e estudiosos, muitas delas reproduzidas no CD *Desta Barra Fora* (1998).

Resumo curricular

Kenneth David Jackson é Professor de Literatura Portuguesa e Brasileira na Universidade de Yale, atuando no Departamento de Espanhol e Português, onde também é Diretor de Estudos da Graduação em Português.

É especialista em literaturas e culturas de língua portuguesa, em crioulos asiáticos de base portuguesa, e em etnomusicologia.

A sua publicação em 2003 de um conjunto de 29 fac-símiles das edições de *Os Lusíadas* em CD-ROM (mais de metade dos exemplares conhecidos a nível mundial) alavancou os estudos codicológicos e tipográficos comparativos sobre os testemunhos extantes da primeira edição do Poema.

É também autor de *As marcas do império marítimo português na Índia e no Sri Lanka* (2005).

É Professor Convidado Honorário na Universidade de Ciência e Tecnologia de Macau, e membro da Rede Camões na Ásia & África.

- Lourenço do Rosário

O regresso das caravelas, naus e galeões



Pretendendo intervir no Congresso sobre os 500 anos de Camões, a realizar em Goa em 2026, a minha reflexão vai no sentido de encontrar ligações simbólicas entre o fluxo e o refluxo da memória histórica da conflitualidade entre os portugueses e os povos do chamado Império Português do Oriente.

Na actualidade há elementos essenciais a considerar no que diz respeito à rota migratória que simbolicamente se constitui num refluxo de reabertura do movimento em direcção à Europa Ocidental, de povos que no fluxo dos portugueses, no século XV, se constituíram nos principais inimigos dos objectivos que os mesmos portugueses buscavam no Oriente: dominar povos, estabelecer territórios e linhas comerciais, circular as riquezas através da rota do Cabo, e encerrar a rota do Mediterrâneo, dominada pelos árabes.

A hostilidade entre cristãos e islâmicos é histórica e sempre esteve presente em quase toda a literatura que aborda esta problemática. Mas os discursos que se produzem em cada momento histórico adaptam as suas narrativas em conformidade com o ambiente social, económico, político e religioso do momento.

Por este facto, procurarei navegar através de linhas simbólicas desta realidade que pode ser consubstanciada com confrontos que são exemplificados com o massacre

dos peregrinos em 1502, peregrinos esses vindos de Meca, por ordem de Vasco da Gama, a captura e degredo de cidadãos hindus levados para o reino, conforme narram os cronistas da época, nomeadamente Gaspar Correia, e paralelamente confrontar com o que se passa hoje, em Portugal, tendo em conta as imagens de confronto e hostilização entre ativistas portugueses anti-imigração e imigrantes islâmicos.

Por isso, a escolha do título ‘O regresso das caravelas, das naus e dos galeões’. O objectivo de buscar especiarias para comercialização através da rota do Cabo, fechando a rota do Mediterrâneo, atualmente resulta na reabertura da rota do Mediterrâneo e, em vez de especiarias, as embarcações levam cidadãos outrora marginalizados no Império Português do Oriente.

Resumo curricular

Lourenço do Rosário é um académico e figura proeminente em Moçambique, professor e fundador da Universidade Politécnica em Maputo.

Tem atuado não só como professor, mas também em posições de liderança e de gestão.

O seu longo historial de ensino abrange diversas universidades, incluindo portuguesas, e foi Reitor da Politécnica, além de ser Professor Titular reformado da Universidade Eduardo Mondlane.

- Lurdes da Balbina Vidigal Rodrigues da Silva

Camões no ensino secundário em Moçambique: um olhar sobre práticas de leccionação



Ao alcançar a sua independência de Portugal em Junho de 1975, Moçambique conservou elementos da Literatura Portuguesa nos seus programas da disciplina de Língua Portuguesa no ensino secundário.

Luís Vaz de Camões era figura fortemente presente na abordagem dessa literatura. Passados quase 50 anos após a independência de Moçambique, e no âmbito da comemoração dos 500 anos do Nascimento de Camões, julgou-se pertinente analisar as práticas de leccionação de Camões no ensino secundário actual. Mais concretamente, o meu estudo visa:

- (i) identificar as principais actividades didácticas na leccionação de Camões no ensino secundário em Moçambique; e
- (ii) identificar as obras de Camões mais utilizadas pelos professores do ensino secundário em Moçambique.

Este será um estudo misto e os dados serão recolhidos através de inquéritos e entrevistas aos professores da disciplina de Língua Portuguesa do ensino secundário das cidades de Maputo e Matola. Os dados serão analisados tematicamente, tendo em conta os objectivos do estudo.

Resumo curricular

Lurdes Rodrigues da Silva é doutora em Línguas e Culturas Africanas pela Ghent University, Bélgica, Mestre em Gestão e Liderança Educacional pela The University of Sydney, Austrália, e Licenciada em Linguística pela Universidade Eduardo Mondlane, Moçambique.

É docente e investigadora da Universidade Eduardo Mondlane, Faculdade de Letras e Ciências Sociais, Maputo, Moçambique.

- Wang Yuan

Monarquia eletiva imaginada: os fluxos de conhecimento entre a China e o Ocidente sob a ótica da poética das monções



Partindo da descrição, em *Os Lusíadas* de Camões, segundo a qual *o monarca da China é escolhido por eleição*, esta comunicação procura revelar como se formou e se difundiu, através das redes monçónicas que ligavam a China e a Europa Ocidental, uma dupla leitura equivocada acerca da ideia de sucessão eletiva dos reis nos séculos XVI e XVII.

Por um lado, desde Tomé Pires, os cronistas portugueses projetaram sobre a China uma mistura de experiência institucional da eleição mongol de cãs (*quriltai*) e do sistema meritocrático confuciano dos exames imperiais, interpretando-os como se fossem formas de eleição régia. Por outro lado, letrados da dinastia Ming, como Fang Hongjing e Ge Yinliang, no quadro interpretativo dos jesuítas, extrapolaram o modelo da eleição papal e do sistema eletivo do Sacro Império Romano, concebendo-o como uma prática universal segundo a qual *todos os reis da Europa são eleitos*.

Esta comunicação insere este processo de projeção recíproca nas distintas formas de pensar a relação entre Antiguidade e Modernidade na China e na Europa. No Ocidente, desde o Renascimento, a modernidade legitima-se pela imitação da Antiguidade, enquanto na tradição chinesa, a historiografia e o discurso político confuciano veem a Antiguidade como uma ordem clássica reproduzível e restaurável, o que favorece a incorporação de experiências estrangeiras numa estratégia de *renovação através do retorno ao antigo*.

Metodologicamente, esta comunicação adota a poética das monções como quadro interpretativo: o conhecimento não se

propaga de forma linear, do centro para a periferia, mas circularmente, ao ritmo dos ventos sazonais, sendo resemantizado em cada lugar. Assim, o diálogo indireto entre Camões e os letrados Ming configura uma verdadeira corrente conceptual navegante. A troca transcivilizacional de conceitos políticos apoia-se, muitas vezes, em semelhanças verosímeis, e compreendê-las exige recolocar textos e instituições no fluxo histórico movido pelas monções, observando como cada ancoragem produz uma nova forma de *senso comum*.

Resumo curricular

Wang Yuan doutorou-se em Literatura Portuguesa na Universidade de Wisconsin-Madison, e atualmente é Professor Assistente de Português na Faculdade de Línguas Estrangeiras da Universidade de Pequim, ocupando outros cargos como membro do conselho diretivo da Associação Chinesa de Estudos Comparativos de Língua e Cultura Sino-Africanas, e membro do conselho diretivo da Secção de Estudos Hispano-Portugueses da Associação Chinesa de Literatura Estrangeira.

A sua investigação centra-se nos estudos da literatura portuguesa e africana de língua portuguesa sob a perspetiva da história global, abrangendo temas como a história das relações luso-chinesas nos séculos XVI e XVII, o romance histórico contemporâneo português e as dinâmicas de mobilidade nas narrativas africanas em língua portuguesa.

É autor de dois livros em chinês, *A Viagem Multidimensional: a Literatura Africana em Português numa Perspetiva de História Global* (2026, no prelo) e *Cronologia da Literatura Africana do Novo Século – Língua Portuguesa* (2025), e de mais de vinte artigos em inglês e chinês em revistas prestigiadas como *African Studies Review*, *Romance Studies* e *Journal of Lusophone Studies*.

É também tradutor premiado de português para chinês, tendo traduzido romances de José Saramago, António Lobo Antunes, José Eduardo Agualusa e Jorge Amado.

3 - Virtuais

Comunicações via ZOOM



- Duarte Drummond Braga

A figura do Jau no Romantismo



A figura de Antônio, o *Jau* de Camões, percorre um vasto e pouco estudado conjunto de obras europeias do século XIX, desde a ópera *L'esclave de Camões* (Flotow/Putlitz, 1842) até textos de Almeida Garrett, Gomes de Amorim, Casimiro de Abreu e Feliciano de Castilho. Neste corpus, Antônio assume papéis diversos: confidente, *alter ego*, cuidador ou mesmo amante sublimado.

Garrett constrói uma retórica da amizade que procura sublimar as dimensões afetivas e amorosas da relação, mas estas reaparecem sob várias formas – triângulos amorosos, mortes encadeadas, inversões cronológicas.

Particularmente relevante é a transformação operada por Castilho, que faz do Jau poeta e gêmeo espiritual de Camões, inserindo-o numa teoria da sociabilidade literária que lhe confere agência.

Contudo, em todas estas recriações, persiste a tensão entre fidelidade subserviente, marcada pela hierarquia colonial, e a retórica de uma amizade que se pretende transcendente.

O estudo destas representações permite compreender como, no século XIX, a memória romântica de Camões serviu também como espaço para repensar as fronteiras entre amizade e amor, alteridade e intimidade, escravidão e comunhão poética.

Resumo curricular

Duarte Drumond Braga é Investigador Auxiliar no Centro de Estudos Humanísticos da Universidade do Minho, e tem trabalhado sobre literatura comparada, orientalismo e redes transnacionais de escrita em português, com especial enfoque nos espaços asiáticos e africanos.

É autor de *As Índias Espirituais. Fernando Pessoa e o Orientalismo Português* (2019), organizador de edições críticas e ensaios sobre Camilo Pessanha, Ângelo de Lima e outros autores, e coordenador do projeto **PortAsia – Asian Writing in Portuguese**.

Tem publicado em revistas e volumes internacionais sobre orientalismo, arquivística literária e circulação translocal de textos em língua portuguesa.

- Eduardo Ribeiro

O ano em que Camões embarcou da Índia Portuguesa para Macau



Com a premissa de que Camões esteve em Macau, esta comunicação examina os vários indícios que apontam a data de partida do vate de Goa para os Mares do Sul da China, e essa data é abril de 1562.

Esses indícios estão evidenciados quer na *Década VIII* (versão extensa) de 1615, quer no *Primeiro Soldado Prático*, de 1569, ambas as obras de Diogo do Couto.

Contudo, há outros, que complementam o testemunho do dialogista/cronista, e que apontam, ainda, para o nome do capitão da Nau do Trato com quem Camões foi para Macau, o cargo que o Poeta foi a desempenhar na Viagem, e a quem ele ficou a dever o emprego.

Resumo curricular

Eduardo Alberto Correia Ribeiro é um jurista português, licenciado em Direito pela Universidade Clássica de Lisboa (1972), investigador independente, e figura ativa na Sociedade de Geografia de Lisboa, onde é Secretário da Secção Luís de Camões desde 2017.

Tem-se destacado como estudioso da vida de Camões e autor de livros e artigos sobre a estadia de Camões em Macau, nomeadamente: *Camões in Asia* (2016) *Camões no Oriente* (2.^a ed. 2018) e *Camões em Macau, Uma verdade historiográfica* (2.^a ed. 2020).

- José Carlos Canoa

Luís de Camões e Diogo do Couto: visão comparativa de dois ‘soldados práticos’



Nesta comunicação procura-se refletir sobre a vida de dois soldados-escritores quinhentistas e portugueses, problematizadas de forma diferenciada, mas complementar, destacando a faceta satírica das suas obras, a sua amizade especial na Índia e a comprovada estadia de ambos na Ilha de Moçambique na mesma época.

A aproximação entre Luís de Camões e Diogo do Couto, *matalotes muitos tempos de casa e meza* na Índia, e com estadia conjunta na Ilha de Moçambique na torna-viagem para o reino, sendo dois afamados escritores da Idade de Ouro portuguesa, far-se-á também através das obras *Os Lusíadas* e *Diálogo do soldado prático*, que se fundamentam e refletem criticamente sobre a expansão ultramarina do seu tempo.

O estudo comparativo exigiu previamente uma cronologia pormenorizada da vida dos soldados-escritores no Oriente e, no respeitante às obras, uma esquematização para evidenciar nessa aproximação o respeito ou desvio do cânone literário; conceções de heroísmo e anti-heroísmo; projeção autobiográfica nas suas obras, *alter-egos* e outras representações; as dúvidas e conjecturas na receção crítica das suas obras.

Resumo curricular

José Carlos Canoa é docente de Português Língua Estrangeira, com foco nos Estudos Camonianos. A sua trajetória profissional está marcada pelo ensino e pela promoção da língua e da cultura portuguesas em diferentes contextos geográficos.

É licenciado em Estudos Portugueses pela Universidade Nova de Lisboa (1990), pós-graduado no Ramo de Formação Educacional na mesma universidade (2000) e está a concluir o seu doutoramento com uma tese dedicada a Manuel de Faria e Sousa, comentador da obra de Camões. Exerceu a docência em Portugal, França, Namíbia, Sérvia e integra atualmente o corpo docente do Instituto Português do Oriente, em Macau.

É membro da Rede Camões na Ásia & África e do Instituto de Estudos de Literatura e Tradição da Universidade Nova de Lisboa.

As suas contribuições recentes para a investigação incluem: ‘O livro perdido de Camões na ficção contemporânea’ (II Congresso do Meio Milénio, Moçambique, 2025), ‘Luís Gonzaga Gomes, o camonista de Macau’ (I Congresso do Meio Milénio, Macau, 2024); ‘As grandes coleções camonianas’ (Congresso dos 450 anos de ‘Os Lusíadas’, Indonésia, 2022). Participou como convidado no Congresso de Didática Camoniana, em Coimbra, em 2025.

É o editor de **Luís de Camões - Diretório de Camonística**, cuja Agenda se tornou referência essencial para acompanhar o que tem acontecido durante a efeméride dos 500 anos do nascimento do Poeta.

- Luiza Nóbrega

Desejada parte oriental: a Índia metafórica e a Índia experimentada em ‘Os Lusíadas’



A centralidade primacial da Índia em *Os Lusíadas* é ponto pacífico indiscutível, e já bastante repisado ao longo dos séculos. Não se pode, porém, dizer o mesmo quanto à importância crucial da incidência metafórica da Índia na estrutura semântica do poema; nem quanto ao amplo e prodigioso conjunto de aspectos que compõem essa incidência.

Por outro lado, muito embora o contexto histórico que envolve a Índia em *Os Lusíadas* – seja aquele ao qual remete o enunciado (o tempo da viagem descobridora), ou aquele ao qual remete a enunciação (o tempo da escrita do poema) – tenha sido bastante explorado, também é verdade que certos factos, com seus pormenores, e suas respectivas implicações, no que concerne à gênese e à semântica do poema, permaneceram e, de certo modo, ainda permanecem, à sombra no conjunto geral dos estudos camonianos.

A tais relevantes temas, entre outros de igual relevância, já ao longo de cinco décadas tenho dedicado os meus estudos sobre *Os Lusíadas*. E são esses dois tópicos que proponho abordar no III Congresso Camoniano da Rede Camões na Ásia & África, em Goa / Damão.

Resumo curricular

Luiza Nóbrega é professora de Artes e Literatura, e pesquisadora na Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil.

É graduada em Direito, mestre em Literatura Brasileira pela Universidade de Brasília e doutora em Letras Vernáculas e Literatura Portuguesa pela Universidade Federal do Rio de Janeiro / Universidade Nova de Lisboa, com Posdoc em Teoria Literária na Universidade Nova de Lisboa.

As suas áreas de interesse no ensino e pesquisa são, entre outras, a análise dos discursos poéticos, as interfaces de arte/literatura/filosofia/mitologia/história/psicologia, e o texto, intertexto e contexto de *Os Lusíadas*.

- Márcio Muniz

Camões, o dramaturgo e sua dramaturgia



Nos estudos que desenvolvo sobre a dramaturgia quinhentista portuguesa, tenho me interessado particularmente por certa consciência do fazer dramático revelada por alguns autores.

Não são poucos os textos em que encontramos marcas ou estratégias metadramáticas a desvelar práticas teatrais de quem tem não só domínio da cena, mas também ciência de seu labor dramático.

Testemunhos de Gil Vicente, Afonso Álvares, António Ribeiro Chiado, António Prestes e alguns anônimos, comprovam que muitos dramaturgos estavam atentos ao teatro que se produzia à época, referenciavam-se com frequência, recorriam a estratégias dramáticas similares, defendiam *modos do fazer* teatral semelhantes e demonstravam conhecer e respeitar o gosto do público a que se dirigiam. Nesta minha comunicação buscarei incluir Camões entre esses dramaturgos que têm ciência de seu fazer teatral, levantando e comentando estratégias metadramáticas presentes em seus *Autos*, e defendendo um Camões dramaturgo, atento ao que produziam seus pares e ao que desejava seu público.

Resumo curricular

Márcio Muniz é Professor Titular de Literatura Portuguesa do Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia, atuando na Graduação e na Pós-Graduação Acadêmica e Profissional, com ênfase em teatro português, especialmente em Camões e Gil Vicente, sendo um especialista no teatro do século XVI. As suas áreas de pesquisa abrangem ainda o trovadorismo e a prosa didática.

Publicou *Teatro de Camões* (2014).

- Regina Célia de Carvalho Pereira da Silva

A singularidade da tradução em italiano de dois episódios de ‘Os Lusíadas’



A história da tradução de *Os Lusíadas* em língua italiana não é simples. Ao longos dos séculos multiplicaram-se diversas versões realizadas em verso, existindo inclusivamente referências bibliográficas a uma versão feita em prosa. O valor literário, histórico e narrativo do poema de Luís de Camões motivou fortemente os intelectuais italianos, de todos os tempos, a dedicarem uma atenção especial à epopeia lusitana. Hoje, as versões italianas mais antigas que se encontram na Internet são aquelas realizadas por tradutores-intelectuais italianos do século XIX. Dada a facilidade com que podem ser descarregadas são as mais conhecidas pelos estudiosos e pelo público em geral. No entanto, alguns pensadores italianos que mantinham uma relação viva com Portugal e que o visitavam frequentemente durante os primeiros decénios do século passado, tinham e mantinham uma visão própria da obra camoniana. O nosso trabalho focaliza-se na análise da tradução italiana de dois episódios de *Os Lusíadas*, realizada por um destes intelectuais, assim como na introspeção da personalidade e intimidade de tal tradutor que, intencionalmente, decidiu (re)traduzir tais episódios e publicá-los num contexto político e social europeu bem determinado.

Resumo curricular

Regina Célia de Carvalho Pereira da Silva é Professora de Língua e Cultura Portuguesa no Centro Linguístico de Ateneu, Departamento de Letras, Línguas, Literaturas e Civilizações Antigas e Modernas da Università degli Studi di Perugia (UNIPG), Itália, e Docente do Instituto Camões na Cátedra Antero de Quental na Università di Pisa (2022-2025).

- Sandra Ataíde Lobo

Camões visto de Goa: da ‘Gazeta de Goa’ ao ‘Boletim do Instituto Menezes Bragança’



Luís de Camões e *Os Lusíadas* atravessam a história dos periódicos goeses, desde o período colonial ao pós-colonial, começando com a *Gazeta de Goa* em 1821.

Teve pontos altos em 1924 e 1980, aquando dos centenários do nascimento e da morte do poeta. Versos de *Os Lusíadas* serviram de mote a jornais, a expressão *língua de Camões* tornou-se comum e foi apropriada pelos goeses enquanto seus difusores na Índia.

A imagem que ofereceu dos indianos foi alvo de polémica, investigadores e intelectuais dedicaram-lhe estudos.

Esta comunicação explorará as complexas questões político-culturais que estas diversas vertentes convocam.

Resumo curricular

Sandra Ataíde Lobo é doutorada em História e Teoria das Ideias, com a tese *O Desassossego Goês: cultura e política em Goa, de 1820 ao Acto Colonial* (2013).

Co-fundadora e co-coordenadora do **Grupo Internacional de Estudos da Imprensa Periódica Colonial do Império Português**, e é membro de diversas redes e equipas de investigação, designadamente do grupo Pensando Goa, entre outros.

Tem promovido congressos sobre imprensa em diversos países, coordenado livros e publica regularmente sobre a história intelectual, e dos intelectuais goeses.

- Vítor Amaral de Oliveira

Camões, três óperas românticas e Goa



Camões é personagem da ópera romântica *L'esclave de Camoens*, de Henry de St. Georges (1799-1885) que existe em três versões, uma das quais em tradução italiana.

Análise do percurso das versões e das suas diferenças e de um apontamento cénico passado em Goa, num contexto político e social europeu bem determinado.

Resumo curricular

Vítor Amaral de Oliveira foi docente de Língua, Literatura e Cultura Portuguesas na Universidade Católica de Lisboa.

Tem centrado os seus estudos na figura e na personalidade de D. Sebastião nas vertentes literária e cultural, com duas obras de referência publicadas, entre outras, de bibliografia (2002) e de iconografia (2025).



The Portuguese in Asia

500 Years of Influence

www.portuguese.asia

The banner has a decorative background with a map of Asia and a small coat of arms. The text is in a serif font, and the overall design is elegant and historical.